FORJANDO NOVAS IDENTIDADES: O PAPEL DA REVISTA “O ECHO” PARA A FORMAÇÃO DA JUVENTUDE

Talita Kelly Souza de Oliveira, Graduanda[1]
Universidade Católica de Pernambuco
tkso1998@gmail.com
Luiz Carlos Luz Marques, Doutor
Universidade Católica de Pernambuco
prof.luizcmarques@gmail.com

RESUMO: Pretende-se apresentar os primeiros resultados de um Plano de Trabalho voltado para a análise das representações dos gêneros masculino e feminino, dentro do Projeto “As narrativas do Sagrado... na história da sociedade brasileira na época republicana”, com o estudo dos “discursos” ou “narrativas do sagrado” contidos em três números da Revista “O Echo” (fevereiro, março e abril de 1928), observando-se se e como os discursos normativos subjacentes, que deveriam ser seguidos pelos rapazes e moças “das boas famílias católicas”, contribuíam para transformá-los em “agentes da normatização do cotidiano religioso, social e cultural”, segundo a perspectiva do catolicismo romanizado após o Concílio Vaticano I (1869-1870). Como referenciais teóricos, usaremos a perspectiva de Joan Scott, uma das pioneiras nos estudos produzidos entre a relação de gênero e história, e a teoria da circularidade cultural, proposta por Mikhail Bakhtin (1987) e desenvolvida por Carlo Ginzburg (1987).

PALAVRAS-CHAVE: Igreja; Estado; Poder.

ABSTRACT: Intended to present the first results of a Work Plan focused on the analysis of representations of masculine and feminine gender, within the Project "The Narratives of the Sacred ... in the History of Brazilian Society in the Republican Era", with the study of discourses or " holy narratives " contained in three issues of " O Echo "(February, March, and April, 1928) Magazine, looking at whether and how the underlying normative discourses should be followed by good boys and girls Catholic families ", contributed to transform them into" agents of normalization of religious, social and cultural daily life”. According to the perspective of Roman Catholicism after Vatican Council I (1869-1870). As theoretical references, it will be used the perspective of Joan Scott, one of the pioneers in the studies produced between the relation of gender and history, and the theory of cultural circularity, proposed by Mikhail Bakhtin (1987) and developed by Carlo Ginzburg (1987).

KEY WORDS: Church; State; Power.

1 INTRODUÇÃO

A Igreja Católica Apostólica Romana é uma instituição religiosa, social, política e cultural que sempre pretendeu estar presente, ativamente, na formação das condutas coletivas e individuais da sociedade ocidental. Contudo, após a Revolução Francesa, a mesma perdeu grande porção da sua hegemonia, tornando-se

[1] Bolsista CNPQ no Programa Institucional de bolsas a Iniciação Cientifica – PIBIC/UNICAP. Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques

coadjuvante construção das identidades dessas sociedades e de seus membros. Em meados do século XIX, com o Concílio Vaticano I, e a sua afirmação da "infalibilidade do pontífice romano em matéria de dogma e moral", a Igreja entra em uma tentativa de recuperação de sua influência nas sociedades, processo esse que se alicerçava na capacidade dos seus agentes de pastoral qualificados (papa, bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas) de influir nas mentalidades coletivas. Por exemplo, quando passaram a ressignificar a figura de mulher, abandonando aquela tradicional, de "EVA", a culpada pelo pecado original, para insistir na de "AVE", ressaltando a figura de Maria, mãe de Jesus, segundo os Evangelhos, Mãe de Deus, segundo a definição do Concílio de Éfeso, de 431. Buscando assim um novo símbolo, modelo a ser seguido, ligado à promoção da dignidade da mulher. Ligado a esse ideário, há também a forte valorização da figura de "São José", que traz consigo uma mensagem muito clara do conceito de homem, de masculinidade, ou seja, o pai, esposo, provedor do lar. É nessa perspectiva que se situa este projeto, de estudar alguns dos mecanismos colocados em ação para a criação do ideário de "como ser uma mulher" e "como ser um homem" nos meios de formação e divulgação da Igreja Católica, no século XX.

O Brasil foi um dos países que a Igreja Romana conseguiu manter de forma mais incisiva o seu status, até mesmo nos momentos em que sua hegemonia passou por "crises" de representatividade. Na tentativa de manter ao máximo a sua posição, os bispos católicos, após a separação da Igreja do Estado, com o decreto 119-A do governo provisório republicano, de janeiro de 1890, passaram a importar ferramentas trabalhassem a seu favor. Entre elas, a chamada "boa imprensa", que reunia revistas e jornais ligados ou não à Igreja que disseminavam o ideal católico. Esse foi um dos principais dispositivos de controle desta época, exercido pela Igreja. Dentro este, está a fonte primaria desta pesquisa, o periódico "O ECHO", dirigido à "mocidade brasileira", nas primeiras décadas do século XX.

2 A "BOA IMPRENSA" E A REVISTA "O ECHO"

A imprensa ocupa uma posição de destaque na sociedade brasileira, contudo, não foi sempre assim, sua influência variou de acordo com as políticas e

mentalidades das épocas. A partir do segundo reinado, os meios de divulgação da imprensa se tornam cada vez mais presentes no dia a dia da sociedade, além de que era um meio de comunicação legitimado, tendo em vista, que a liberdade de imprensa era concedida pelo imperador. Ou seja, a imprensa influenciava diretamente a forma que as diferentes classes brasileiras enxergavam os acontecimentos. A utilização da imprensa como um forte dispositivo de controle, partindo do pressuposto que a mesma contribui na construção e desconstrução de mentalidades, se deu, principalmente, entre a crise e queda do sistema monárquico e a proclamação da república.

Durante a chamada Primeira República ou República Velha (1889-1930) a imprensa ganha força enquanto instituição. Devido a esta importância, durante a primeira metade do século XX, ela passa paulatinamente a ser adotada pela Igreja, (a mesma que, em alguns momentos da história considerou a leitura uma fonte de preocupação, salientando, que vários pensadores da igreja não a consideravam uma boa prática, pois a viam como um habito perigoso e que poderia levar a práticas contrarias ao comportamento católico) tornando-se uma poderosa difusora dos discursos e ideais católicos, tornando-se um dos caminhos mais eficazes na tentativa da Igreja de promover uma reafirmação do catolicismo no Brasil. E foi esta preocupação com as práticas de leitura dos fiéis católicos que acabou por inspirar a criação de uma imprensa católica, chamada, nos documentos da época, de “boa imprensa”.

A revista *“O ECHO”*[2]*,* se enquadrada nesta categoria da “boa imprensa”. Fundada em 1914, sob a direção do Pe. Germano Middeldorf[3], na cidade de Porto Alegre – RS. A revista era a grande novidade entre a juventude, contudo, não possuía uma sede fixa para a sua redação, o que dificultava o seu alcance, devido a isto, no início da década de 20, a redação da revista é trasposta de forma definitiva para o Gynnasio Municipal Anchieta (atual Colégio Anchieta). Tendo a redação da revista

[2] Subtítulo: Revista ilustrada para a mocidade brasileira.

[3] Padre de ordem jesuíta. Fez parte do corpo administrativo e, possivelmente, docente do Gynnasio Municipal Anchieta, Porto Alegre.

dentro de uma escola que tinha a mesma linha política, ideológica, social e principalmente religiosa, o Pe. Middeldorf, junto com sua equipe se deparam com um espaço que lhes favorecia, tanto na aceitação dos conteúdos, como na difusão interna dos periódicos. A recepção externa da revista também foi positiva (analisando o seu público alvo – os rapazes e moças católicos), em 1928, a revista já havia chegado, com assinaturas regulares, em 300 escolas católicas de todo o Brasil, contando uma tiragem que girava em torno de 4000 exemplares. A distribuição era realizada das seguintes maneiras: nas escolas e nas residências privativas, independentemente do tipo de assinatura o recebimento era mensal. Uma característica da configuração estética da revista, era que o seu número de páginas era acumulativo, ou seja, cada mês era o complemento do seu antecessor, este modelo de enumeração era compreendido em um período de cerca de um ano (fevereiro-dezembro), e em janeiro do ano seguinte era elaborado e vendido um único exemplar resultado da compilação dos 11 meses.

A estrutura da revista seguia à risca a proposta pela qual foi idealizada, ou seja, através de discursos normativos busca influenciar, de forma gradativa, o imaginário e a mentalidade do seu público. A revista, com o passar do tempo, adquire cada vez mais peso no universo da juventude católica e sua linha editorial pode ser associada à da *filosofia da transgressão*[4]*,* que tem por fundamento pequenas rupturas da ordem social vigente, sem necessariamente promover uma *revolução*[5]*,* apenas romper com as determinadas proposições da sociedade. Neste caso, a filosofia da transgressão, presente na redação da revista, caminhava aliada à ideia de revolução que, posteriormente, desaguaria na *Revolução de 30*, já que, entre suas clausulas, estavam a revogação da laicização do Estado e as modificações nas políticas governamentais. Tomando por exemplificação da mentalidade que estamos

[4] Linha filosófica que é fortemente presente nas obras de Michel Foucault, e também do filosofo/literato George Bataille, cuja obra mais conhecida se intitula *"A história do olho"*. Obra que se tornou referência na análise da filosofia da transgressão.

[5] Tendo em vista, que segundo os paradigmas da revolução, é preciso que haja uma consciência atuante, enquanto os da transgressão, sustentam a capacidade de mudanças que até mesmo o inconsciente pode promover. A partir do momento que rompe com a ordem social, já há uma transgressão.

analisando, temos uma frase que permeia e está presente em mais de um exemplar: *"Afrouxado o laço político, é necessário mais apertar o laço religioso"* (Ruy Barbosa).

Entrando em um viés mais técnico, a revista possuí uma composição de artigos periódicos e esporádicos. Entre os periódicos, (ressaltando que a perpetuação de um tema periódico é de aproximadamente de um ano) alguns se destacam pelo seu caráter direcional e normativo, em sua maioria são narrados pela *persona*[6] "tio Quincas", geralmente tratando de questões políticas e ideológicas, que apresentadas de forma simples, clara e algumas vezes lúdica o ideal do que é, e como ser um bom cidadão, que faz correlação direta do que é, e de como ser um bom católico, ou seja, a revista poderia ser interpretada como uma "recita de bolo" que precisa ser seguida ao "pé da letra" para que o resultado fosse alcançado, mas que por ventura lhe de dava várias opções de recheios. Tendo em vista que os direcionamentos de comportamentos que eram apresentados como corretos eram múltiplos, já que variavam de acordo com o *gênero*[7] do leitor. Outra presença periódica, eram os poemas referentes à vida dos santos, que mais uma vez tinha o objetivo de introduzir os ideais católicos, e a metodologia para isto é a teoria do espelho, da identificação, apresentar uma versão do homem melhorado – o santo – homem como todo homem, mas não como qualquer homem, pois seguia os preceitos de Deus e da Igreja. Como é possível observar, a partir deste poema, retirado de um exemplar da revista:

> E' linda, é linda a Virgem! Nas luzes de uma prece, o rosto lhe esplandece, tem preso o olhar no céo. / Desprendem-lhe do braço as contas do rosario, que é como relicário de virgem sem labéo. / Vem-lje florir aos labios, qual flordo Paraiso, suavissimo Sorriso, ethereo e divinal. / De todos os seus traços, dulcissima, dimana belleza celestial. / Ella, a Virgem sublime, de immaculada candura, aviva-se e fulgura vestida de alva cor. / Da gracil cinta pende a faixa azul-celeste, que o céo lhe deu por veste em dia redemptor. / A serpe ingente pisa num globo pequenino: o orgulho ressupino abate de Satan. / Duas mimosas rosas velam-lhe as niveas plantas: duas dadivas santas de mystica manhã. / E' linda, muito linda, com seus gentis olhares, com seus dons singulares. / A virgem de Sião! E que sereno porte ostenta essa

[6] Segundo a teoria do psicólogo C.G. Jung, personalidade que o indivíduo apresenta aos outros como real, mas que, na verdade, é uma variante às vezes muito diferente da verdadeira.

[7] Ressalvando que a concepção que hoje temos do termo gênero não é o mesmo da época, nesta análise em questão, estamos fazendo referência apenas ao feminino e ao masculino.

> Senhora, quando, socorro implora o nosso coração! / Assim ao contemplal-a, aos labios, docemente, sobe o que o peito sente, nas horas da oração: / Ave! Ave! Maria! Ave! Da humana raça luz, paz e proteção. / Alceu Lema (O ECHO 1, p. 01).

Ademais, adentrando na temática que é levantada nos artigos de caráter esporádicos, podemos facilmente observar um padrão, que é bastante recorrente, em sua grande maioria, as matérias são compostas por notícias que envolvem a comunidade, os acontecimentos políticos, e com bastante frequência curiosidades sobre ciências. Contudo, essas matérias possuem uma intenção muito clara, principalmente se tratando das temáticas que envolvem o conhecimento cientifico, as mesmas são formuladas a partir de embasamentos que pretendiam promover uma ruptura com a mentalidade já consolidada, a que fé e ciência são polos que se repelem, e principalmente a Igreja e a comunidade cientifica. Em poucas palavras, pretendia-se através de matérias relacionadas com a ciência, presentes dentro de uma revista católica destinada a juventude, insinuar aos seus leitores que dentro da comunidade católica há a completude dos anseios do homem, tanto físicos, espirituais e racionais.

Não obstante, é de fundamental importância voltarmos nossa atenção para o público receptor destes exemplares. Como já mencionado, substancialmente, eram rapazes e moças que possuíssem uma formação católica. Contudo, a revista não alcançava toda a juventude católica brasileira, ela se limitava a classe média/alta, tendo em vista que, a distribuição se dava quase que completamente nas escolas de matrizes católicas, consequentemente, de um nível mais elevado - dentro dos padrões da sociedade da época. Devido a isto, a juventude das camadas mais populares, não tinham acesso direto aos os “ensinamentos”[8] contidos na revista, e isto acarretava em uma disparidade no comportamento da juventude católica como um todo, pois, variava de acordo com a classe social dos indivíduos.

[8] Todo este “jogo” ideológico é facilmente compreendido quando tomamos o conceito de instituição burguesa. A partir daí, conseguimos identificar tanto a Igreja, como a mídia da época como tais. Ou seja, estamos categorizando, dando uma forma imagética ao principal mecanismo de modificação da mentalidade do coletivo, que encontra seu cerne na aprendizagem dos novos padrões, de uma nova ação comportamental social que sobrepõe as antigas práticas.

A partir do pressuposto que a juventude católica se encontrava em uma posição de multiplicidade, ou seja, de que havia uma enorme disparidade das realidades existentes, das formas de ver e viver o mundo, surge o questionamento, como pode haver uma tentativa de recuperação da hegemonia perdida pela Igreja, se seu próprio corpo não é hegemônico? Para melhor respondermos a esta pergunta, utilizamos o conceito de circularidade cultural desenvolvido pelo historiador Carlo Ginzburg[9]. Que para ele, a circularidade, ou seja, o "[...] influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica. [...]" (GINZBURG, 1987, p. 13) que na mesma página também é exemplificado da seguinte forma: "[..] um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo [...]" (GINZBURG, 1987, p. 13) é bastante presente nesta sociedade em questão, não há apenas uma classe de jovem católico, entretanto, há um diálogo, uma partilha de ensinamentos nos ambientes que essas diferenças se encontram. Pois, se partimos da perspectiva de que a história é constituída de mais de uma temporalidade que ocupam o mesmo espaço, podemos construir uma narrativa imagética que nos permite visualizar, mesmo que não completamente, os acontecimentos. Como já teorizava o filosofo e escritor francês Gaston Bachelard[10] o tempo não único, pois, indivíduos que convivem no mesmo espaço, podem estar vivendo em temporalidades diferentes, ou seja, mentalidades, visões de mundo distintas, e isto afeta diretamente suas ações na sociedade. Contudo, há momentos de encontros destas temporalidades, e esses encontros geram um "nó" na linha que constitui o tempo-espaço, havendo assim, comunicação, dialogo, troca, apropriação, circularidade. Seguindo esta linha de raciocínio, mesmo que a distribuição das revistas não alcançassem diretamente as camadas mais populares, seus ideais chegavam até essas camadas através de ocasiões que esses encontros fossem proporcionados. Como por exemplo, um filho de empregada doméstica, que tem contato com esse discurso normativo ao frequentar a casa que sua mãe trabalha.

[9] Carlo Ginzburg (Turim, 15 de abril de 1939) é um historiador italiano, conhecido por ser um dos pioneiros no estudo da micro-história. Obra mais conhecida: O queijo e os vermes (1976).

[10] Gaston Bachelard (Bar-sur-Aube, 27 de junho de 1884 - Paris, 16 de outubro de 1962) foi um filósofo e poeta francês. Seu pensamento está focado principalmente em questões referentes à filosofia da ciência.

A revista “O Echo”, como já vimos, teve uma aceitação muito grande por parte da comunidade católica do país (tanto entre o clero, quanto entre os leigos), e como podemos observar com os exemplos abaixo, cumpria com seu papel de dispositivo de normatização, porém, contava com todo um aparato de amenização, para que se tornasse mais palatável a juventude, mas, isso não diminuía em nada seu caráter repressivo.

> 3. **De um Revmo. Conego Premonstratense, do Gymnasio Municipal, em Jahú. S. Paulo**: E' um dia de grande alegria o da distribuição d'o Echo. Por todos os cantos do recreio os alumnos deliciam-se com os bellos artigos dessas revista. E com razão, por que é um verdadeiro primor, não só pela parte material como pela sã leitura que proporciona todos. Jahú, de agosto de 1927.
> 6. **De uma Rev. Irmã de Caridade, em: Victoria, E. do Espirito Santo**: O Echo, essa interessante revista, talvez a mais apropriada para meninos e meninas estudantes, publicada em nosso Paiz. Victoria, 26 de agosto de 1927 (O ECHO 1, p. 25).

3 O ECHO: GÊNERO E RELAÇÕES DE PODER

“Aquelas pessoas que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as ideias e as coisas que elas pretendem significar, têm uma história” (Scott, 1990).

Antes de tudo, é necessário explicitar algumas distinções. Primeiramente, a filosofia e a história são companheiras, caminham juntas, entretanto, em perspectivas divergentes. Me apropriando de uma metáfora utilizada pelo mediador do famoso debate entre Michel Foucault e Noam Chomsky, sobre natureza humana, onde foi feito a seguinte simbologia diante das áreas de atuação dos debatedores, “É como se os dois estivessem cavando uma mesma montanha, em lados opostos, com ferramentas diferentes, sem nem ao menos saber se estão cavando na mesma direção”. De forma semelhante funciona a prática destas duas ciências, a filosofia vê

no acontecimento histórico a prerrogativa para a criação de um conceito, já a história, se utiliza do conceito já elaborado para se aplicar ao acontecimento.

Seguindo por esse viés, nos deparamos com um grande antagonista, que é o anacronismo teórico, que marca diversas analises históricas, tendo em vista, que o historiador utiliza conceitos elaborados em determinado tempo, para se referir à outro. Contudo, esse anacronismo é inevitável, pois, por mais que haja um esforço do historiador para entender como se vivia no período do seu objeto de estudo, ele nunca se tornará parte daquele tempo. E portanto, o historiador não recuperara o passado, mas, o substituirá por sua interpretação dele. Em detrimento desta realidade, utilizamo-nos acima do pensamento da Joan Scott, para embasar a reflexão que desejamos propor.

Nosso recorte, Primeira República, ou seja, não há a concepção etimológica e epistemológica do termo gênero que temos hoje. Não há no vocabulário da época, uma categoria para tal definição. Então, como falar de relações de gênero, relações de poder entre os sexos neste período? Gênero, enquanto uma categoria de análise. Isto é, não utilizar o termo, como uma expressão utilizada na época, mas como um “novo terreno” de “conceitualização” para os historiadores.

> As feministas começaram a utilizar a palavra "gênero" mais seriamente, num sentido mais literal, como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos. A referência à gramática é ao mesmo tempo explícita e plena de possibilidades não-examinadas. Na sua utilização mais recente, o termo "gênero" parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual". O termo "gênero" enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nas mulheres de maneira demasiado estreita e separada utilizaram o termo "gênero" para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico (SCOTT, 1990. p. 73).

A revista “O ECHO” pode, também, ser estudada sob esse olhar de relações de poder entre os sexos. Por mais que não existisse a palavra, o conceito, a ideia do ser homem e do ser mulher, e suas representações na sociedade estão

presentes na mentalidade que idealizava e organizava a revista, em detrimento, que em muitas ocasiões, as mídias são utilizadas como difusor do discurso dominante. Neste cenário, qual era o discurso dominante? As formas de como ser um bom católico, e a composição desse SER variava de acordo com o gênero do indivíduo.

Estes discursos perpassam por toda a narrativa componente na revista, as histórias/notícias são direcionadas para um determinado público, em sua maioria de forma implícita, colocando seus personagens em seus respectivos lugares de fala, o homem como o provedor e aquele que pode alcançar o topo social, e a mulher como a esposa e mãe, que o máximo de vida pública e profissional que pode alcançar é se tornando uma professora. Outros artigos, principalmente os periódicos, trazem matérias ou histórias que são exemplos práticos desta análise, como*: "Antoninho e Laurinha: história que acaba em casamento"* – visivelmente destinada ao público feminino; e o *"Milionário e o limpa ruas"* – que era um conto com uma linguagem mais crua, sem muitos floreios, que apontava posições sociais de acordo com as escolhas de vida dos personagens - e neste cenário não há uma personagem mulher, porque a mulher não possuiria uma autonomia sobre as escolhas da sua própria trajetória de vida.

Esses lugares de fala que os homens e mulheres ocupam parte de uma convenção social, e é literalmente redigida nas páginas d' O Echo através de seus contos, fábulas, curiosidades e notícias. E, um fator que é importante salientar, é que essa revista era escrita totalmente por homens, ou seja, é a visão de mundo do homem que impera em cada linha, é a visão do homem do que é ser mulher que é escrito, não o olhar que a mulher tem dela mesma, mas a ideia que o homem tem do que ela deve ser. E esse é o panorama imagético que se pode construir, ainda que superficialmente, da conjuntura relacional, ou melhor, passional que as mulheres se submetem no lugar de fala ela é colocada nesta sociedade do início do século XX.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que em fase inicial, a pesquisa, em seus primeiros resultados, já apresenta contribuições para a análise e formulação de uma narrativa acerca da

posição que os rapazes e moças católicos do início do século XX ocupavam na sociedade brasileira. O olhar desta juventude sobre a revista nos conta muito a respeito da mentalidade que circulava nos espaços de sociabilidade. E, em detrimento disso, esta pesquisa não se constituí apenas de uma análise sistemática das fontes, mas, a partir da leitura das dogmáticas impostas a eles, e das respostas comportamentais realizadas por essa mocidade, buscamos refletir, trabalhando principalmente sobre a regência dos conceitos circularidade, poder e biopolítica, como as instituições utilizam da performática ilusória, em que o Estado oprime, pois, é a sua função genealógica, e o povo, encontra seu lugar sobre a repressão, pois também é sua posição de origem.

Devido a este jogo de mentalidades, e principalmente de construção de imaginários, torna-se perceptível, as ferramentas que o Estado, aliado a Igreja se utilizaram para reger essa hegemonização. Ou seja, como as “verdades” estavam pautadas nas representações que deveriam ser seguidas, como: da Virgem Maria, São José e demais santos “mais próximos” da juventude, como Santa Terezinha. Tendo em vista que, estas figuras através do imaginário, transmutava estes indivíduos, em coletivos perfeitamente controlados pelo dispositivo estatal.

De forma objetiva, esta pesquisa trata-se de, parafraseando o filosofo Michel Foucault, “sacudir as evidências”, e primordialmente, “tornar visível o que está visível”. Ou seja, não negligenciar os acontecimentos tão bem trabalhados sobre a Primeira República, mas mostrar o outro lado que sempre esteve lá, mas não era visto. Não há uma revelação, um descobrimento surpreendente, mas, uma apresentação de fatos, evidências, acontecimentos, que já estavam as claras, mas que não foram capturados.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston**. A dialética da duração**. São Paulo: Ática, 1988.

BATAILLE, Geoges. **A parte maldita**, precedida de “A noção de despesa”. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

DANNER, Fernando. O Sentido da Biopolítica em Michel Foucault. **Revista Estudos Filosóficos** nº 4 /2010 – versão eletrônica – ISSN 2177-2967.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola. 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GINZBURG, Carlo**. O queijo e os vermes**: o cotidiano de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINKS, Carla Bassanesi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MELLO, Adilson da Silva. SILVA, Otávio Candido Junior**.** Uma leitura da “Circularidade” entre culturas em Carlo Ginzburg**. Janus**, Lorena, ano 3, nº 4, 2º semestre de 2006.

O ECHO, 1928. Ano XV. N. 1. 15 fevereiro. Acervo pessoal do prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques.

O ECHO, 1928. Ano XV. N. 2. 15 março. Acervo pessoal do prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques.

O ECHO, 1928. Ano XV. N. 3. 12 abril. Acervo pessoal do prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques.

RIBAS, Ana Claudia. A boa imprensa, a política e a família: os discursos normatizantes no jornal o apóstolo (1929-1959). **Espaço Plural**. Ano XII. Nº 24. 1º Semestre 2011. ISSN 1518-4196

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul/dez. 1990. p. 71-99.

SILVA, Leonardo Santana da. Carlo Ginzburg: O Conceito De Circularidade Cultural E Sua Aplicação Nos Estudos Sobre A Música Popular Brasileira. **Revista Augustus**. Rio de Janeiro. v. 22. n. 43. p. 72-83. jan./jun. 2017.

SILVEIRA, Diego Omar. A peleja pela “Boa Imprensa”: reflexões sobre os jornais da Igreja, a Romanização dos costumes e a identidade Católica no Brasil. **9º Encontro Nacional de História da Mídia**, UFOP, Ouro Preto, MG. 2013.

SIQUEIRA, Tatiana Lima. Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero. **Revista Ártemis**. Vol. 8. junho 2008. p. 110 – 117.